

ADAPTAÇÃO DA SÉRIE PERCY JACKSON PARA DIFERENTES MÍDIAS: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE TRADUÇÃO LITERÁRIA E AUDIOVISUAL

Autor (1): Mariana Beatriz Oliveira Torres¹

Orientador(a): Daniela Aparecida Vendramini Zanella²

Resumo: Este estudo tem como objetivo analisar comparativamente as adaptações da obra Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios (2005) em diferentes mídias (literatura, cinema e televisão), buscando compreender como a narrativa de Rick Riordan é ressignificada ao ser transposta para novos sistemas semióticos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, bibliográfica e analítico-comparativa, fundamentada nos estudos de tradução intersemiótica e adaptação audiovisual, com ancoragem teórica nos conceitos de dialogismo e polifonia de Mikhail Bakhtin. O corpus é composto pelo romance (2005), pelo filme *The Lightning Thief* (2010) e pela série *Percy Jackson and Sthe Olympians* (2023). A análise demonstrou que cada versão constitui um enunciado autônomo. O filme de 2010 priorizou o espetáculo visual e a ação, reconfigurando o tom e o desenvolvimento dos personagens, enquanto a série de 2023 buscou maior fidelidade ao texto literário, promovendo uma atualização discursiva marcada pela diversidade e representatividade. Conclui-se que a adaptação é uma prática dialógica e intersemiótica que reinterpreta o texto-fonte, mantendo a narrativa viva e em constante diálogo com os contextos culturais e as novas gerações de leitores e espectadores.

Palavras Chave: Percy Jackson; Adaptação; Tradução.

¹UNISO, Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: 00113900@aluno.uniso.br

²UNISO, Sorocaba, São Paulo, Brasil. E-mail: daniela.zanella@prof.uniso.br | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0331-545X>

ADAPTATION OF THE PERCY JACKSON SERIES ACROSS DIFFERENT MEDIA: A COMPARATIVE STUDY OF LITERARY AND AUDIOVISUAL TRANSLATION

Abstract: This study aims to comparatively analyze the adaptations of the work Percy Jackson & The Olympians: The Lightning Thief (2005) across different media (literature, cinema, and television), seeking to understand how Rick Riordan's narrative is re-signified when transposed to new semiotic systems. The research adopts a qualitative, bibliographic, and analytical-comparative approach, grounded in intersemiotic translation and audiovisual adaptation studies, with a theoretical basis in Mikhail Bakhtin's concepts of dialogism and polyphony. The corpus consists of the novel (2005), the film *The Lightning Thief* (2010), and the series *Percy Jackson and the Olympians* (2023). The analysis demonstrated that each version constitutes an autonomous utterance. The 2010 film prioritized visual spectacle and action, reconfiguring the tone and character development, while the 2023 series aimed for greater fidelity to the literary text, promoting a discursive update marked by diversity and representation. It is concluded that adaptation is a dialogical and intersemiotic practice that reinterprets the source text, keeping the narrative alive and in constant dialogue with cultural contexts and new generations of readers and viewers.

Keywords: Percy Jackson; Adaptation; Translation.

1 INTRODUÇÃO

A literatura juvenil contemporânea ocupa um papel central na formação leitora e na construção de identidades culturais, especialmente quando dialoga com elementos da cultura pop e da mitologia. Nesse contexto, a série Percy Jackson e os Olimpianos, escrita por Rick Riordan e publicada a partir de 2005, se destaca como um fenômeno literário que combina aventura, humor e referências mitológicas em uma linguagem acessível ao público jovem. A obra narra a trajetória de Percy Jackson, um adolescente disléxico e com transtorno de déficit de atenção que descobre ser filho de Poseidon, o deus grego do mar, e precisa enfrentar desafios no mundo moderno habitado por deuses, monstros e heróis.

Ao unir mitologia clássica e cotidiano contemporâneo, Riordan cria uma narrativa marcada pela diversidade de vozes e pela valorização das diferenças, um espaço onde o discurso mítico se reconfigura a partir da perspectiva juvenil. Essa fusão entre o antigo e o moderno reflete a potência da literatura juvenil enquanto campo de diálogo entre tradições culturais e sensibilidades atuais. Além de seu impacto literário, a saga alcança dimensões culturais amplas, inspira filmes, produtos derivados e, mais recentemente, uma adaptação televisiva, reafirmando sua relevância como produto da cultura pop global.

A repercussão de Percy Jackson e os Olimpianos ultrapassa a esfera da leitura individual. Suas versões cinematográfica (*Percy Jackson & the Olympians: The Lightning Thief*, 2010) e televisiva (*Percy Jackson and the Olympians*, Disney+, 2023) mostram como uma mesma narrativa pode ser reinterpretada e recriada de acordo com as possibilidades e limitações de cada linguagem. Essas transposições permitem observar não apenas transformações estéticas, mas também discursivas e ideológicas, revelando como o sentido literário se expande e se ressignifica ao circular entre diferentes mídias e públicos.

Diante disso, este estudo parte da seguinte questão de pesquisa: como a narrativa de Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios é ressignificada ao ser adaptada para o cinema e para a televisão?

O objetivo geral é analisar comparativamente as adaptações da obra *O Ladrão de Raios* (2005) em diferentes mídias a partir da perspectiva da tradução intersemiótica, destacando as estratégias narrativas e seus efeitos de ressignificação.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica e analítico-comparativa, fundamentada nos estudos de tradução intersemiótica e adaptação audiovisual. O trabalho se ancora nas concepções de Bakhtin, que compreende a linguagem como prática social e dialógica, atravessada por múltiplas vozes, e em Fiorin (2011), que entende o enunciado como parte de uma cadeia discursiva permeada por ecos e ressignificações. A partir dessa base, as adaptações de Percy Jackson são analisadas como enunciados interdependentes que dialogam entre si e com o público, revelando como cada mídia reinterpreta a narrativa original e produz novos sentidos.

2 LINGUAGEM E DIALOGISMO EM BAKHTIN

A linguagem, segundo Mikhail Bakhtin, é um fenômeno essencialmente social, constituído nas interações entre sujeitos em contextos históricos e culturais. Longe de ser um sistema neutro ou puramente formal, a palavra é entendida pelo autor como “o fenômeno ideológico por excelência (...), o modo mais puro e sensível de relação social” (Bakhtin; Voloshinov, 1988, p. 34), pois sempre carrega valores, intenções e marcas de posições sociais. Dessa forma, o discurso não se apresenta como algo isolado, mas como prática situada,

atravessada por vozes que antecedem o enunciador e projetam respostas futuras, compondo aquilo que o autor denomina polifonia³.

Esse caráter relacional é explicado pelo conceito de dialogismo, central no pensamento bakhtiniano. Todo enunciado, para Bakhtin (2006, p. 293), dirige-se a um interlocutor: ele é, ao mesmo tempo, resposta e convocação. Isso significa que a linguagem nunca se constrói de modo fechado, mas se constitui em permanente diálogo com outros discursos. O sentido, portanto, não é fixo, mas dinâmico, resultado de uma rede de interações e ressignificações.

No campo da literatura, a perspectiva dialógica se torna ainda mais evidente. Em seu ensaio “Epos e romance”, Bakhtin (2002) afirma que o romance é o gênero literário mais flexível e sensível às transformações históricas, sendo o único capaz de incorporar diretamente a heterogeneidade social da linguagem. Por abrigar múltiplas vozes, discursos e perspectivas, o romance se constitui como um espaço privilegiado da polifonia e da interação entre consciências diversas, revelando seu caráter profundamente dialógico. Assim, a obra literária não apresenta apenas a visão unívoca do autor, mas uma multiplicidade de discursos que coexistem, se confrontam e se ressignificam.

Conforme observa Roza (2024), com base em Xavier (2005), o cinema de caráter opaco evidencia sua própria linguagem e desnaturaliza convenções narrativas e estéticas, tornando visíveis as múltiplas camadas de sentido que compõem o discurso artístico (Roza, 2024, p. 5; Xavier, 2005, p. 133). A multiplicidade de vozes e discursos, portanto, não é exclusiva da literatura, mas pode também se manifestar em diferentes formas de arte, especialmente quando estas tornam visíveis seus processos e escolhas formais.

A noção de dialogismo igualmente permite compreender a intertextualidade como parte constitutiva da literatura. Como observa Fiorin (2011, p. 19), “o que é constitutivo do enunciado é que ele não existe fora das relações dialógicas. Nele estão sempre presentes ecos e lembranças de outros enunciados, que ele conta, refuta, confirma, completa, pressupõe e assim por diante”. Cada obra literária, portanto, participa de uma cadeia discursiva maior, que ultrapassa sua materialidade textual e se expande em direção a novas leituras, interpretações e recriações.

É nesse ponto que o pensamento bakhtiniano dialoga diretamente com os estudos da tradução e da adaptação. Ao serem transpostas de um sistema de signos a outro — como no caso da tradução intersemiótica, que converte o verbal em audiovisual — as narrativas literárias não perdem sua voz original, mas são reescritas em novos contextos e linguagens. Toda tradução ou adaptação é, portanto, mais um elo na cadeia dialógica: interpreta, recria e, inevitavelmente, ressignifica.

Essa concepção é fundamental para o presente trabalho, cujo objeto de estudo é a adaptação da obra Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios em diferentes mídias (livro, filme e série). A narrativa de Rick Riordan, marcada por forte impacto cultural, já nasce em diálogo com a tradição literária juvenil, a mitologia grega e o universo da cultura pop. Suas adaptações audiovisuais, por sua vez, instauram novos diálogos: com a linguagem cinematográfica, com as expectativas do público e com os contextos socioculturais em que são produzidas. Ao analisar comparativamente o romance de 2005, o filme de 2010 e a série televisiva de 2023, este estudo considera que cada versão resulta de escolhas tradutórias e estéticas que, ao mesmo tempo em que preservam elementos da obra original, produzem novas leituras e sentidos.

Dessa forma, ao iniciar o percurso teórico pelos conceitos de dialogismo e polifonia em Bakhtin, o trabalho estabelece uma base sólida para compreender como a linguagem, a

³ Polifonia é um conceito bakhtiniano segundo o qual uma obra literária abriga múltiplas vozes autônomas, que não se fundem na consciência do autor, mas coexistem em diálogo. Ver Bakhtin, Mikhail. Problemas da obra de Dostoiévski (1929). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2022.

literatura e as adaptações audiovisuais se constituem como práticas dialógicas. Essa perspectiva será fundamental para, nos capítulos seguintes, articular os estudos de tradução intersemiótica e adaptação audiovisual à análise do corpus, demonstrando como Percy Jackson se transforma ao transitar entre diferentes mídias.

3 TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO COMO PRÁTICAS DIALÓGICAS

A tradução, compreendida em sentido amplo, ultrapassa a simples transferência de significados entre idiomas e se apresenta como uma forma de recriação discursiva. Roman Jakobson (1959) foi um dos primeiros teóricos a propor uma classificação que inclui a tradução intersemiótica, definida como a interpretação de signos verbais por meio de sistemas não verbais, como a música, o cinema ou as artes visuais. Essa definição amplia o conceito de tradução para além do campo linguístico, permitindo compreender as adaptações audiovisuais como processos tradutórios em que a linguagem literária é convertida em linguagem fílmica ou televisiva, com suas próprias estruturas narrativas, visuais e sonoras.

Plaza (1987), ao dialogar com Jakobson, reforça a ideia de que toda tradução é um ato de criação estética, pois envolve o deslocamento de um texto para outro sistema semiótico. Esse movimento não se limita à reprodução de significados, mas à construção de novas possibilidades expressivas e simbólicas. Traduzir, portanto, implica interpretar, e toda interpretação carrega uma dimensão autoral. Nesse sentido, a tradução intersemiótica se configura como uma prática de autoria compartilhada, em que o tradutor ou adaptador recria o texto a partir de seu próprio horizonte cultural, técnico e histórico.

Arrojo (2003) e Diniz (1999) aprofundam essa discussão ao questionar a antiga concepção de fidelidade entre o original e sua tradução. Para os autores, o texto original não é uma entidade fixa, mas um campo aberto de sentidos, em constante movimento. A tradução, então, não “traí” o original, mas o renova, revelando aspectos antes latentes. Essa perspectiva rompe com o imaginário de “traição” e desloca o foco para o processo de ressignificação, em que o novo texto dialoga com o anterior e o reinterpreta à luz de outras linguagens e contextos.

Guimarães (1996) reforça esse ponto de vista ao compreender a tradução como prática discursiva, situada social e historicamente. Cada tradução é um ato de enunciação que responde a outros discursos e se inscreve em cadeias de significação. Essa noção ecoa o dialogismo bakhtiniano, segundo o qual todo enunciado é uma resposta a enunciados anteriores e uma convocação a novos sentidos (Bakhtin, 2006 p. 293). Assim, tanto na tradução quanto na adaptação, o texto traduzido não substitui o original, mas o prolonga em outro registro discursivo, tornando-se um novo elo da cadeia dialógica.

A adaptação audiovisual, por sua vez, ocupa um lugar singular dentro desse debate. Linda Hutcheon (2006 p.28) define a adaptação como um processo de “repetição sem reprodução”, em que o adaptador revisita o texto-fonte com liberdade criativa, reinterpretando-o de acordo com as especificidades da nova mídia. Robert Stam (2006) complementa essa visão ao compreender a adaptação como um intertexto que estabelece uma relação de diálogo com outras obras e discursos culturais, não se limitando à noção de fidelidade, mas assumindo o caráter transformador e polifônico das narrativas contemporâneas.

Desse modo, pensar a adaptação de Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios sob a ótica da tradução intersemiótica e do dialogismo permite compreender que o livro, o filme e a série não são versões hierarquicamente ordenadas, mas enunciados autônomos que coexistem em diálogo. Cada uma dessas formas expressivas mobiliza recursos próprios — linguagem verbal, visual, sonora e performática — para reconstruir o universo narrativo de Riordan.

Em vez de entender as adaptações como “traições” ao texto literário, propõe-se reconhecê-las como ressignificações, nas quais a narrativa se renova e adquire novos contornos. Tal processo confirma a concepção bakhtiniana de linguagem como interação viva e polifônica: cada adaptação de Percy Jackson é uma resposta criativa que reinterpreta o original e o reinsere no circuito cultural, estabelecendo novas relações de sentido com o público e com o tempo em que é produzida.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, bibliográfica e analítico-comparativa, fundamentada nos estudos de tradução intersemiótica e de adaptação audiovisual. O objetivo é compreender os processos de ressignificação da narrativa de Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios em diferentes mídias (literatura, cinema e televisão) destacando as escolhas narrativas e estéticas que emergem em cada versão.

O corpus da pesquisa é composto por três obras:

- O romance Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios (Rick Riordan, 2005);
- O filme Percy Jackson & the Olympians: The Lightning Thief (2010), dirigido por Chris Columbus;
- A série televisiva Percy Jackson and the Olympians (2023), produzida pela Disney+.

A metodologia se organiza em três etapas principais:

a) Leitura e revisão crítica da literatura teórica, contemplando autores que discutem tradução intersemiótica e adaptação, como Plaza (1987), Arrojo (1986), Diniz (1998), Guimarães (1996), Hutcheon (2006) e Stam (2006). Além disso, o trabalho se fundamenta nos aportes de Bakhtin e o Círculo (1988, 2006), cuja reflexão sobre dialogismo, enunciado e polifonia permite compreender a linguagem como prática social, atravessada por múltiplas vozes; e em Fiorin (2011), que destaca a dimensão dialógica e intertextual de todo enunciado.

b) Exame do *corpus* narrativo, com foco na construção das personagens, no enredo, na linguagem e na ambientação, identificando os pontos de convergência e divergência entre as diferentes versões da obra.

c) Comparação entre as mídias, destacando as transformações produzidas em cada transposição e analisando os efeitos dessas alterações sobre a narrativa, a recepção do público e a circulação cultural da obra.

A pesquisa se ancora, portanto, em uma perspectiva dialógica, entendendo cada adaptação como mais um elo da cadeia de ressignificações, que dialoga tanto com o texto original quanto com o contexto sociocultural de sua produção e recepção.

5 ANÁLISE COMPARATIVA

A narrativa de Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios transita entre diferentes mídias, revelando o potencial de adaptação da literatura juvenil contemporânea e a complexa rede de significações que se forma quando uma obra é reinterpretada por novas linguagens. Sob a ótica do dialogismo bakhtiniano, cada versão — livro, filme e série — constitui um enunciado autônomo, que responde ao texto original e ao contexto sociocultural de sua produção, instaurando novas leituras e sentidos.

5.1 O livro O Ladrão de Raios: linguagem, vozes narrativas, mitologia e humor

Publicado em 2005, o romance *O Ladrão de Raios*, primeiro volume da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, apresenta uma escrita marcada pela oralidade e pelo tom confessional. Narrado em primeira pessoa, o texto cria uma relação de proximidade entre narrador e leitor, aproximando a voz juvenil de Percy da experiência do público adolescente. Essa escolha narrativa é essencial para construir o efeito de verossimilhança e identificação, pois a linguagem descontraída, permeada de ironias e comentários metalinguísticos, confere ao herói um caráter autêntico e humano.

A multiplicidade de vozes, entre a narrativa de Percy, as falas de seus amigos e os discursos mitológicos que atravessam o enredo, evidencia a natureza polifônica do romance. A mitologia grega, reinterpretada sob uma perspectiva moderna, deixa de ser um saber distante para se tornar parte do cotidiano contemporâneo, com deuses que vivem em Nova York e monstros que frequentam escolas americanas. Essa fusão entre o mítico e o urbano cria um espaço dialógico onde o sagrado e o profano se cruzam, e onde o riso e a aventura funcionam como instrumentos de crítica e atualização cultural.

Além disso, o humor desempenha papel fundamental na narrativa: ele desmistifica o heroísmo clássico e aproxima o leitor da condição humana dos semideuses. Assim, o livro se configura como um texto híbrido, em que o mito se renova através da linguagem juvenil, e o discurso épico é traduzido em um registro cotidiano, acessível e lúdico.

5.2 O filme de 2010: escolhas de adaptação, perdas e transformações

A adaptação cinematográfica *Percy Jackson & the Olympians: The Lightning Thief* (2010), dirigida por Chris Columbus, representa uma tradução intersemiótica que privilegia a ação e o espetáculo visual em detrimento da dimensão introspectiva da narrativa. Embora mantenha a estrutura básica do enredo, o filme altera significativamente o tom e o desenvolvimento dos personagens, priorizando uma estética voltada ao público de aventura e fantasia em larga escala.

Uma das transformações mais evidentes é a faixa etária dos protagonistas: enquanto o livro apresenta Percy como um adolescente de doze anos em formação, o filme o retrata como um jovem mais velho, aproximando-o dos padrões hollywoodianos de herói. Essa escolha afeta o modo como o público percebe sua trajetória, de um herói em construção para um protagonista já amadurecido. A mudança, portanto, não é apenas narrativa, mas também discursiva, pois desloca o foco da iniciação para a ação, alterando o tom da história.

Do ponto de vista bakhtiniano, o filme pode ser entendido como um enunciado responsivo: ele responde ao texto literário ao mesmo tempo em que dialoga com as convenções do cinema comercial norte-americano. O uso de efeitos visuais, trilhas sonoras épicas e ritmo acelerado substitui a voz interior de Percy por um discurso imagético que busca traduzir sua jornada em termos visuais. Nesse processo, há tanto perdas, como a diminuição da ironia e da subjetividade do narrador, quanto ganhos, na medida em que a adaptação amplia o alcance cultural da obra e insere o mito grego em um imaginário globalizado.

Ainda assim, a crítica e o público frequentemente apontaram que o filme se afastou do espírito original da série, perdendo parte de seu tom humorístico e de sua dimensão identitária. Essa percepção reforça o caráter dialógico da adaptação: ao reinterpretar o livro, o filme não apenas o representa, mas debate com ele, revelando tensões entre fidelidade, comercialização e recriação artística.

5.3 A série de 2023: aproximação maior com o original e atualização cultural

A adaptação televisiva *Percy Jackson and the Olympians* (Disney+, 2023) marca um novo momento na trajetória da obra, propondo uma releitura mais fiel ao livro de Riordan e, ao mesmo tempo, atualizada em termos de representatividade e diversidade. Diferentemente do filme, a série foi produzida com a participação direta do autor, o que garantiu maior coerência narrativa e proximidade com o público leitor original.

No plano estético e discursivo, a série recupera o tom humorístico e o olhar adolescente característicos da narrativa de Percy, preservando a voz irônica e auto reflexiva do narrador. Essa escolha reforça a dimensão polifônica do texto original, ao permitir que múltiplas vozes, deuses, heróis, adolescentes e narradores, coexistam e dialoguem em um mesmo universo. A linguagem visual da série também se mostra mais simbólica e sensível, priorizando a ambientação e o desenvolvimento emocional das personagens em detrimento da ação frenética.

Outro aspecto fundamental da adaptação de 2023 é a atualização cultural. A escolha de um elenco diversificado e a abordagem de temas como identidade, pertencimento e diferença inserem a narrativa em debates contemporâneos, ampliando seu alcance e relevância social. Essa abertura ao diálogo com as pautas atuais reforça a ideia de que toda adaptação é também um ato de interpretação ideológica, um novo enunciado que responde ao tempo em que é produzido.

Dessa forma, a série de 2023 pode ser vista como uma ressignificação dialógica do universo de Percy Jackson, que busca equilibrar fidelidade à obra literária e inovação estética. Ao retomar o tom original e integrar novas vozes sociais, a produção reafirma o potencial da narrativa juvenil como espaço de reflexão sobre identidade, diversidade e pertencimento.

5.4 Discussão geral: ressignificações entre mídias

A análise comparativa do livro, do filme e da série evidencia que cada mídia realiza uma leitura singular do universo criado por Rick Riordan. O livro constrói um espaço de diálogo entre mitologia e juventude; o filme transforma a narrativa em espetáculo visual, buscando um público global; e a série televisiva retoma o vínculo com o texto original ao mesmo tempo em que o atualiza para o século XXI.

Essas transformações não configuram rupturas, mas ressignificações, novos elos da cadeia dialógica em que a história de Percy Jackson é constantemente reinterpretada. Assim, a obra de Riordan, em suas múltiplas versões, confirma a concepção de que toda narrativa é um campo de vozes em interação: um espaço em que linguagem, cultura e mídia se entrelaçam para produzir sentidos que continuam a ecoar nas novas gerações de leitores e espectadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar comparativamente as adaptações da obra *Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios* (2005) em diferentes mídias, à luz da tradução intersemiótica e do dialogismo bakhtiniano. Buscou-se compreender como a narrativa de Rick Riordan é ressignificada ao ser transposta para novas linguagens, evidenciando os processos de recriação, atualização e circulação cultural que se estabelecem nesse percurso.

A análise revelou que cada adaptação realiza um movimento particular de interpretação e reconfiguração da obra original. O livro apresenta uma linguagem polifônica, que combina oralidade, humor e mitologia, configurando um espaço de diálogo entre o mito clássico e o universo juvenil contemporâneo. O filme de 2010, ao privilegiar o espetáculo visual e a ação, reinterpreta a narrativa sob a lógica do cinema comercial, resultando em perdas de nuances subjetivas, mas também em ganhos relacionados à ampliação do alcance cultural da obra. Já a série de 2023 representa uma tentativa de reconciliação com o texto

literário, ao mesmo tempo em que promove uma atualização discursiva marcada pela diversidade, pela representatividade e por novas sensibilidades sociais.

Essas variações demonstram que a adaptação não deve ser compreendida como uma forma de “traição” ao original, mas como prática dialógica e intersemiótica. Cada versão de Percy Jackson constitui um novo enunciado que responde à obra de Riordan e ao contexto sociocultural em que é produzida. O processo de tradução entre mídias, portanto, não apenas transforma a narrativa, mas a mantém viva, em constante diálogo com o público, com a cultura pop e com os discursos de sua época.

Em termos teóricos, o estudo contribui para os debates sobre linguagem, tradução e cultura, ao articular os conceitos de Bakhtin (dialogismo, enunciado e polifonia) com os de Jakobson, Plaza, Hutcheon e Stam sobre tradução intersemiótica e adaptação audiovisual. No campo da cultura pop, a pesquisa evidencia como obras juvenis como Percy Jackson e os Olimpianos se tornam espaços de convergência entre literatura, cinema e televisão, promovendo novas formas de leitura e pertencimento cultural.

Conclui-se, portanto, que as adaptações audiovisuais de Percy Jackson reafirmam o potencial da literatura juvenil como campo de diálogo entre linguagens e tempos distintos. Ao se reinventar em diferentes mídias, a narrativa de Riordan mantém seu vigor simbólico e discursivo, confirmando que toda obra viva é, antes de tudo, um encontro de vozes em permanente construção.

7 REFERÊNCIAS

Filme **PERCY JACKSON & THE OLYMPIANS: THE LIGHTNING THIEF**. Direção: Chris Columbus. Produção: Karen Rosenfelt, Chris Columbus e Michael Barnathan. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2010. 1 DVD (118 min.).

Livro RIORDAN, **Rick**. **Percy Jackson e os Olimpianos: O Ladrão de Raios**. Tradução: Ricardo Sandoval. São Paulo: Intrínseca, 2005.

Série de Televisão **PERCY JACKSON AND THE OLYMPIANS**. Criação: Rick Riordan e Jonathan E. Steinberg. Direção: James Bobin et al. Estados Unidos: 20th Television, Gotham Group, Disney+. 2023. 8 episódios.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1986.

ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da obra de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BAKHTIN, Mikhail M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988.

DINIZ, Thais Flores Nogueira. **O paradigma indiciário e o problema da fidelidade na tradução.** 1999. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

FIORIN, José Luiz. O monólogo é concluído e surdo à resposta do outro. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 13-32.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação, Língua, Memória. **Revista Da Anpoll**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 11-28, 1996.

HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation.** New York; London: Routledge, 2006.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: BROWER, R. (ed.). **On translation.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1959. p. 232-239.

PLAZA GONZÁLEZ, Julio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Perspectiva, 1987.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

ROZA, Guilherme Völker. **Opacidade e transparência: uma análise do discurso de manuais de roteiro de cinema.** Sorocaba, 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português/Inglês) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2024.

STAM, Robert. Teoria e Prática da Adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./dez. 2006.